
**“TODO PRETO É FEIO”:
LETRAMENTO RACIAL, IDENTIDADE E (RE)EXISTÊNCIA**

*Queila Barbosa Lopes**, *Diana Ketlem Paula do Nascimento***

RESUMO

O padrão de beleza euro-eua-cêntrico afeta negativamente a autoestima de pessoas negras, especialmente em escolas. Este estudo discute formas de enfrentar a violência racial, analisando as consequências da imposição desses padrões e sua influência na identidade de crianças negras. A pesquisa, baseada em uma revisão bibliográfica de autores como Oliveira *et al.* (2018), Grigoletto (2006), Twine e Steinbugler (2006) e Munanga (2004), explora conceitos de beleza, identidade e letramento racial. A beleza impacta a autopercepção, enquanto a identidade é moldada por padrões estéticos sociais. O letramento racial implica reconhecer e criticar desigualdades raciais, promovendo a diversidade. Conclui-se que é vital refletir sobre questões raciais e fortalecer movimentos que valorizem cada ser humano, visando a uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Palavras-chave: beleza negra; identidade; letramento racial.

* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Graduada em Letras- Inglês pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Professora de Língua Inglesa na Universidade Federal do Acre. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Ufac. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0161-9975>. Correio eletrônico: queila.lopes@ufac.br.

** Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Graduada em Letras- Inglês pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Professora de Língua Inglesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4271-0233>. Correio eletrônico: diana.nascimento@ifro.edu.br.

**"ALL BLACK PEOPLE ARE UGLY":
RACIAL LITERACY, IDENTITY AND (RE)EXISTENCE**

ABSTRACT

The Euro-USA-centric standard of beauty negatively affects the self-esteem of black people, especially in schools. This study discusses ways of confronting racial violence, analyzing the consequences of imposing these standards and their influence on the identity of black children. The research, based on a literature review by authors such as Oliveira et al. (2018), Grigoletto (2006), Twine and Steinbugler (2006) and Munanga (2004), explores concepts of beauty, identity and racial literacy. Beauty impacts self-perception, while identity is shaped by social aesthetic standards. Racial literacy implies recognizing and criticizing racial inequalities, promoting diversity. We conclude that it is vital to reflect on racial issues and strengthen movements that value every human being, aiming for a more inclusive and respectful society.

Keywords: *black beauty; identity; racial literacy.*

2

**“TODOS LOS NEGROS SON FEOS”:
ALFABETIZACIÓN RACIAL, IDENTIDAD Y (RE)EXISTENCIA**

RESUMEN

El estándar de belleza euroeuacéntrico afecta negativamente a la autoestima de los negros, especialmente en las escuelas. Este estudio discute formas de enfrentar la violencia racial, analizando las consecuencias de la imposición de estos estándares y su influencia en la identidad de los niños negros. La investigación, basada en una revisión bibliográfica de autores como Oliveira et al. (2018), Grigoletto (2006), Twine y Steinbugler (2006) y Munanga (2004), explora los conceptos de belleza, identidad y alfabetización racial. La belleza influye en la autopercepción, mientras que la identidad está conformada por los estándares estéticos sociales. La alfabetización racial implica reconocer y criticar las desigualdades raciales, promoviendo la diversidad. Concluimos que es vital reflexionar sobre

las cuestiones raciales y fortalecer los movimientos que valoran a todos los seres humanos, con el objetivo de lograr una sociedad más inclusiva y respetuosa.

Palabras clave: *belleza negra; identidad; alfabetización racial.*

1 INTRODUÇÃO

Uma menina de 9 anos sendo penteada pela mãe para ir à escola. Enquanto a genitora está arrumando os cachos negros, a menina se abraça olhando para o espelho e afirma: "Mamãe, eu não quero crescer". Absorta ao ouvir algo tão forte, a mãe questiona a razão daquela menina de apenas 9 anos desejar não se tornar adulta, o que vai na contramão do que a maioria vive na infância, que é querer ser adulto para ter independência e tomar suas próprias decisões. A resposta da filha a deixou revoltada: "É que meus colegas da escola disseram que sou preta e quando eu crescer vou ficar mais preta ainda, e todo preto é feio". A genitora decidiu suspender as atividades previstas para a primeira hora do dia e ir à escola para lembrar que racismo é crime. A escola foi notificada, mas nenhuma providência foi tomada. Dada a total falta de atitude da gestão escolar, a mãe opta por procurar outra escola. A criança foi transferida de escola e começou acompanhamento psicológico, mas ainda hoje tem dificuldades de olhar para si e ver beleza¹.

Uma menina, negra, cabelo afro. Ela e a mãe ainda não sabem fazer um penteado para que ela fosse se sentindo bem consigo mesma para participar das aulas no 3.º ano do ensino fundamental. Na maioria das vezes, ao entrar em sala de aula, ouve gargalhadas dos colegas repetidas vezes. Ela era apenas uma de tantas outras que sofriam com apelidos na escola, como “churrasqueira”, nem imaginava a cicatriz que isso iria causar nela e que reverberaria por anos em sua vida e na de tantas meninas para quem, talvez, tenham ficado traumas até a vida adulta, de modo que, ao entrar hoje em uma sala cheia de pessoas, elas sejam levadas inconsciente e imediatamente aos dias da escola infantil em que se sentiam envergonhadas, revivendo a mesma sensação, o que dificulta, de algum modo, seu desempenho no convívio social.

Violências como as descritas, sofridas por inúmeras crianças, mas também por adultos, mesmo nos dias de hoje, nos mais diversos espaços sociais de convivência, lembram-nos diariamente que ainda nos parece distante o momento histórico da humanidade em que a cor

¹ Fato ocorrido com uma das autoras deste trabalho.

não será mais razão de exclusão ou diminuição do outro. Essa questão, sob a perspectiva com a qual conduzimos a discussão neste trabalho, está circunscrita no âmbito da colonialidade, mais precisamente no dispositivo colonial "como sistema normativo eurocêntrico definidor das estruturas sociais, construído e retroalimentado na aniquilação de todas as demais formas de existência" (Lisboa, 2023, p. 102), inclusive as que divergem fisicamente do padrão euro-usa-cêntrico (Walsh, 2010). O que ainda está posto diante de nós, como sociedade, é uma tentativa diária de apagamento/desconsideração da beleza negra como uma realidade. A pergunta que motiva a discussão neste trabalho está relacionada à breve narrativa supramencionada, que constitui a situação-problema que nos motivou a indagar o seguinte: que instrumentos podem ser utilizados como forma de enfrentamento à violência constante no que concerne à beleza das pessoas negras?

Nós nos propomos, neste trabalho, a problematizar situações de diminuição do outro em decorrência de uma construção sócio-histórica do que é considerado como belo, o que sejam pessoas belas. Assim, suscitando reflexão sobre como o letramento racial pode emergir nesse cenário como instrumento de desvelamento de preconceito e de construção de novas formas de ver o outro, valorizando a diversidade de belezas independentemente da cor da pele.

Desse modo, considerando o que nos propomos, entendemos que seria relevante apresentar uma pesquisa bibliográfica na qual discutiremos os conceitos que integram a situação narrada, a saber: beleza, identidade e letramento racial. Optamos por embasar a discussão sobre: a) beleza, a partir dos trabalhos de Oliveira *et al.* (2018) e Souza, Lopes e Souza (2018); b) identidade, dialogando com as discussões de Grigoletto (2006), Bakhtin (2011) e Mia Couto (2015), que problematiza o conceito de fronteiras, o qual entendemos ter relação com identidade, uma vez que tanto um quanto o outro delimitam; e c) letramento racial, considerando os trabalhos de Twine e Steinbugler (2006), Munanga (2004) e Souza (2011), principalmente por sua discussão sobre letramento de (re)existência.

A partir deste trabalho, objetivamos ampliar ainda mais a reflexão sobre a relevância do enfrentamento de práticas de racismo, como uma forma de fortalecimento de movimentos sociais e pesquisas acadêmicas que envidam esforços para oportunizar aos humanos, independentemente da cor de sua pele, uma vivência em que sua existência seja valorizada e que histórias como as que brevemente narramos nas primeiras linhas deste trabalho se tornem inverossímeis.

No sentido de alcançarmos o objetivo a que nos propomos e considerando que realizamos pesquisa bibliográfica, na seção seguinte vamos discutir os conceitos de beleza, identidade e letramento racial, encerrando com as considerações e questionamentos que emergiram no decorrer da discussão.

2 DESENVOLVIMENTO

Nesta seção, realizaremos a discussão teórica que organizamos em subseções, dedicando uma subseção para cada categoria que consideramos indispensável para o que nos propomos, mesmo conscientes de que construtos sócio-históricos, como beleza e identidade, atravessam de modo concomitante nossas práticas cotidianas, tornando-se talvez constitutivos do que os outros veem em nós. Como a proposta é uma pesquisa bibliográfica e ainda considerando o espaço que temos neste gênero acadêmico, selecionamos para a discussão autores cujos trabalhos discutem os conceitos que entendemos serem relevantes a partir da narrativa-problema apresentada na introdução.

2.1 Beleza

Numa sociedade em que diariamente *tsunamis* de imagens nos chegam através das mídias, digitais ou não, os cuidados com a beleza física têm levado à criação de inúmeros filtros, desde os que afinam o nariz (apagando um traço negroide considerado desagradável para muitos) até os que deixam a pele mais clara, sem quaisquer melasmas ou com menos rugas. Talvez mais do que em qualquer outro momento de nossa história, estamos muito preocupados com a aparência física e como somos vistos nas telas, que têm se tornado parte de nossa rotina diária.

Atualmente, há um movimento para a valorização das diferentes belezas, notadamente no tocante à beleza negra, pois, como afirmam Oliveira *et al.*, "pessoas negras, principalmente as mulheres, têm ganhado algum espaço nas mídias, sejam essas nas impressas, televisiva e digitais e tentado com muito esforço apresentar uma outra imagem do que é a negritude" (2018, p. 179). Desse modo, consideramos que ainda há muito trabalho a ser feito no sentido de desconstruirmos esse padrão ideal de beleza racista que foi inculcido

[...] em nossas cabeças, em nossos âmbitos, comportamentos e estilo de vida, e a partir disso nós mesmos reproduzimos essas violências contra nós. A naturalização disso é tão forte que em nossa sociedade a negritude virou sinônimo de feiura. Por isso, mesmo quando uma pessoa negra de pele clara não é chamado explicitamente de negra, o lugar que ela ocupa próximo à branquitude é o lugar do “feio”. (Oliveira *et al.*, 2018, p. 180).

O lugar do feio, como afirmam as autoras, costuma ser ocupado pelos corpos negros, os que não atendem ao que parece ser o *checklist* social implantado em toda sociedade do padrão euro-eua-cêntrico de beleza, em que cabelos cacheados, nariz largo/grosso e pele negra são itens considerados indesejáveis e, portanto, precisando, quase que obrigatoriamente, de correção.

Importante lembrarmos que a beleza é uma construção social, como todos os demais conceitos de juízo de valor que regulam o funcionamento da nossa sociedade. Isso amplia a relevância da presença de pessoas negras nas diversas mídias digitais em lugares/posições de sujeito considerados de prestígio como forma de naturalizar uma beleza que inclua a diversidade.

No que concerne a esse conceito de beleza, Souza, Lopes e Souza (2018) nos apresentam um histórico que explicita a alteração do que é considerado belo na história da civilização ocidental. Os autores nos lembram que "se a senhora obesa, pintada e chamada de Mona Lisa foi a bela cobiçada no passado, hoje se tenta impor o padrão da 'barriga invertida' e dos seios grandes e eretos; já nos homens, músculos peitorais rígidos e grandes, além de rosto fino, triangular e magro" (Souza; Lopes; Souza, 2018, p. 93). Essa afirmação nos indica que a beleza é uma construção social e o que nossos olhos veem e julgamos como ideal de beleza hoje poderá não ser em outro momento da história humana.

O que ainda não conseguimos alterar no que se refere a esse conceito (o que é belo) é que os corpos negros ainda parecem ser exceção quando se pensa em descrever o que seria uma pessoa bela.

Consideramos relevante, neste trabalho, essa discussão sobre beleza, pois, como asseveram Souza, Lopes e Souza (2018, p. 93), "constata-se com certa frequência que pessoas fisicamente atraentes têm mais facilidade de serem aceitas em ambientes sociais e profissionais, enquanto outras que não atendem a esses padrões são facilmente rejeitadas", o que compromete a qualidade de vida principalmente das pessoas pretas que são historicamente ainda excluídas e discriminadas tendo como critério a cor da pele e a gramatura do cabelo.

Mulheres negras, por exemplo, podem possuir um cabelo com três texturas diferentes ou mais. Isso é comum. Porém, ainda é comum ouvirmos comentários como: “Prefiro você com cabelo X ou Y”; “Com cabelo liso você fica mais bonita e com a aparência mais leve”. Nesse cenário, também há movimentos para que sejam assumidos os cabelos naturais, comentários que evidenciam que há necessidade de intervenção em seu corpo para que ele seja visto como belo, o que acaba gerando sentimentos negativos quanto ao próprio corpo de quem está começando uma transição de cabelo, por exemplo. Antes as mulheres, principalmente, viam-se presas a produtos de alisamento. Atualmente, há padrões de definição de cabelos cacheados e crespos, estabelecendo ainda um “novo” padrão que também oprime. Tal padronização pode levar à crença de que seu cabelo é feio, ou que nunca está bom, bonito ou aceitável o suficiente, mesmo tentando assumir uma nova identidade ou a sua própria, que por muito tempo ficou apagada.

Além disso, viver em uma sociedade que leva o sujeito a entender-se como feio também pode influenciar de algum modo suas práticas identitárias nas mais diversas esferas sociais. Afinal, o que nos torna cada vez mais conscientes da nossa identidade se não o contato com o outro? Sobre esse conceito discutiremos a seguir.

7

2.2 Identidade

Neste trabalho, consideramos fundamental discutir o conceito de identidade, pois este construto sócio-histórico nos viabiliza sermos percebidos e interagirmos na sociedade. É a partir de nossas identidades que trabalhamos, estabelecemos laços afetivos e realizamos as atividades do cotidiano. No entanto, é necessário refletirmos sobre a constituição do que seja identidade.

Nesse sentido, em consonância com Grigoletto (2006, p. 20), compreendemos que

as identidades são fabricações, produto das tecnologias, técnicas, disciplinas, aparatos e, se elas assumem formas mais ou menos estabilizadas e semelhantes de um indivíduo a outro, isso se deve às tecnologias de subjetivação que, em cada momento histórico e em cada sociedade, configuram-se com determinada tônica, como a tônica sobre o eu/realização na contemporaneidade.

Afirmar que as identidades são produto de uma sociedade significa, em alguma medida, reconhecer a necessidade de delimitar fronteiras entre nós e o outro, de modo que saibamos quem somos e quem é o outro e possamos agir a partir de nossas posições como sujeitos. Mia Couto (2015) afirma que “a vida tem fome de fronteiras [...] o desenho de toda a

criatura pede uma capa, um invólucro separador". Desse modo, há que se separar quem somos dentre tantos para que possamos ser.

A identidade, então, delimita e "separa" quem somos, permitindo-nos compreender o que isso significa e possibilitando nossa existência e ação no mundo. No entanto, essa identidade não é fixa nem única, pois "[...] cada indivíduo é, na verdade, uma multiplicidade, essas e outras identidades, todas ao mesmo tempo, que podem ser vivenciadas como contingência, sendo estratégia pessoal escolher ser representado por uma ou por outra dessas características" (Grigoletto, 2006, p. 25). Assim, sentimos a necessidade de nos identificarmos de algum modo; mas também somos múltiplos, por exemplo: mulher, negra, professora, mãe, pesquisadora, namorada, etc.

Pretendemos, no entanto, enfatizar que nossa identidade também é moldada pela palavra do outro, como afirma Bakhtin (2011, p. 373): "tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros, com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros". Assim, embora tenhamos agência sobre o que o outro diz de nós e possamos ressignificar algumas afirmações sobre quem somos, é a partir do externo (o outro) que iniciamos o processo de compreensão de si. Portanto, a forma como o outro responde à nossa presença, seja qual linguagem utilize para comunicar o que pensa, reverbera na constituição de nossas práticas identitárias².

Considerando que a identidade é um construto sócio-histórico e que a percepção que os outros têm de nós é fundamental para a nossa autoconsciência, podemos concluir que, nas diversas esferas sociais em que interagimos e que nos formam, é crucial promover o letramento racial, sobre o qual discorreremos melhor na próxima seção deste texto. Esse letramento permite que compreendamos as dinâmicas raciais presentes em nosso entorno, ajudando-nos a reconhecer e valorizar a diversidade, além de nos capacitar a enfrentar preconceitos e discriminações. Assim, desenvolver letramento racial é relevante como instrumento de compreensão de que as identidades são moldadas por fatores sócio-históricos e não podem ser. Essa é uma consciência que compreendemos ser indispensável para que pessoas negras possam enfrentar as inúmeras situações cotidianas que podem induzi-las a construir uma prática identitária que não corresponda a todo seu potencial. Além disso, o letramento racial é crucial para que tais ocorrências sejam gradualmente reduzidas até serem

² Partindo da complexidade do que seja identidade, compreendemos ser mais adequado nos referirmos a “práticas identitárias” quando estamos falando desse conceito.

eliminadas. A razão pela qual consideramos letramento racial urgente em nossa sociedade será discutida a seguir.

2.3 Letramento racial

Twine e Steinbugler (2006) nos apresentam uma definição de letramento racial que nos auxilia na compreensão do conceito. Segundo eles, letramento racial

pode ser melhor caracterizada como uma “prática de leitura”- uma forma de perceber e responder ao clima racial e às estruturas raciais com que os indivíduos se deparam. Os critérios analíticos que utilizamos para avaliar a presença de letramento racial [...] incluem o seguinte: 1) o reconhecimento do valor simbólico e material da branquidão; 2) a definição do racismo como um problema social atual e não como um legado histórico; 3) a compreensão de que as identidades raciais são aprendidas e resultam de práticas sociais; 4) a posse de uma gramática racial e de um vocabulário que facilita a discussão da raça, do racismo e do antirracismo; 5) a capacidade de traduzir/interpretar códigos raciais e práticas racializadas; e 6) uma análise das formas como o racismo é mediado pelas desigualdades de classe, pelas hierarquias de gênero e pela heteronormatividade. (Twine; Steinbugler, 2006, p. 344, tradução nossa).

Como qualquer outro letramento, o letramento racial é uma prática social, conforme afirmam as autoras. A partir dessa afirmação, podemos começar a compreender o que significa tal letramento e como podemos avaliá-lo. No excerto, há uma lista de itens que norteiam a percepção da presença ou ausência do letramento racial. Esses itens deixam claro que o racismo não é algo inerente à natureza ou sequer seja um “legado histórico”, mas um problema que também envolve luta de classes, questões de gênero e heteronormatividade.

Podemos afirmar que o letramento racial está diretamente relacionado à consciência sobre o que observamos na sociedade em relação às questões raciais. Trata-se de compreender e reconhecer estereótipos, analisar as questões sociais e diversas outras coisas. Falar sobre letramento racial não se resume a saber qual termo usar para diferentes raças, etnias e diversidade cultural. É mais do que isso: envolve auto(re)conhecimento e reflexão, bem como a valorização do próximo em diferentes contextos. Além disso, é reconhecer e respeitar as diferenças individuais, evitando ferir essas particularidades.

Mas por que existem todas essas classificações? Não somos todos seres humanos? Essas classificações e grupos remontam ao século XVI e, ao longo da história, foram utilizadas para hierarquizar e diminuir as pessoas. Como afirma Munanga (2004, p. 2), “a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito, aliás, cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estanques. Ou seja, biológica e

cientificamente, as raças não existem”. No entanto, elas existem na medida em que já criaram raízes profundas na sociedade.

Não reconhecer o conceito de raça não significa afirmar que todos são fisicamente iguais. No entanto, devido a eventos históricos, essas classificações ultrapassaram as características físicas. É por isso que acreditamos que as questões raciais são tão perversas hoje. Desde o início, houve uma hierarquização destinada a separar os grupos e classes de pessoas. Por isso, os considerados e chamados de "brancos" passaram a ser vistos como detentores da melhor aparência e do melhor caráter, entre outras qualidades.

Assim, os indivíduos da raça "branca", foram decretados coletivamente superiores aos da raça "negra" e "amarela", em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. E conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação. (Munanga, 2004, p. 13).

A reflexão de Munanga (2004) nos traz aos dias atuais de maneira clara. A maioria das pessoas negras se sente diminuída em comparação às pessoas brancas simplesmente por existirem. Muitas vezes, nem se dão conta de que têm esse comportamento inferiorizado. Esse pensamento, já “marcado a ferro” em nossas mentes, leva-nos a acreditar na nossa própria inferioridade. Reverter essa ideia é um processo árduo e lento, mas não impossível.

Desenvolver o letramento racial, especialmente a partir da escola como a "agência de letramento por excelência" (Kleiman, 2007, p. 4), torna-se uma demanda inegociável e urgente. Fatos como os narrados no início deste trabalho ainda são recorrentes e podem mutilar e diminuir a existência de pessoas importantes, independentemente de quem sejam. Isso nos leva a considerar que esse letramento está inserido no contexto do letramento de (re)existência (Souza, 2011), pois exige de nós um comprometimento e um posicionamento ativo. Não podemos permanecer como meros espectadores das diversas violências infligidas aos corpos negros em silêncio cúmplice.

3 CONCLUSÃO

Iniciamos este trabalho com a proposta de problematizar elementos relacionados à violência sofrida por pessoas negras devido à sua aparência física, focando especificamente o impacto do padrão de beleza euro-usa-cêntrico (Walsh, 2010), que perpetua a percepção de que "todo preto é feio". O desafio que surgiu foi discutir elementos que possam contribuir

para que fatos como os narrados aqui sejam relegados à história, servindo como exemplos de como a sociedade foi deliberada e cruelmente algoz de um povo.

Para realizar essa discussão, considerando a narrativa-problema que envolve questões relacionadas à beleza e identidade, entendemos que os conceitos de beleza, identidade e letramento racial precisam ser as categorias centrais trabalhadas.

Quanto ao conceito de beleza, a discussão sobre a dimensão do belo nos estudos de Souza, Lopes e Souza (2018) e o padrão de beleza negra abordado de Oliveira *et al.* (2018) forneceram o embasamento necessário. Ao explorarmos a questão da identidade, reconhecemos que as reflexões de Grigoletto (2006) sobre as tecnologias de subjetivação que constroem identidades sócio-historicamente, assim como observações de Bakhtin (2011) ao afirmar que a consciência de quem somos emerge apenas através do outro são considerações cruciais a serem revisitadas quando o impacto das palavras do outro ameaça a nossa existência devido à cor da nossa pele.

O conceito de letramento racial é introduzido neste trabalho como uma ferramenta capaz de, gradualmente, libertar as pessoas negras dos grilhões que, de diversas maneiras, ainda as aprisionam desde o momento em que alguns indivíduos, simplesmente aos olhá-las, concluíram que não eram consideradas como seres humanos e, portanto, poderiam ser escravizadas.

Entendemos que a discussão precisa ser ampliada e disseminada, especialmente nos espaços formais de aprendizagem, pois as crianças tendem a repetir o que se propaga discursivamente em seus lares. Para aquelas crianças que expressam crenças prejudiciais sobre a cor da pele, como a associação entre ser mais preto e ser menos bonito, é pouco provável que encontrem espaço para desconstruir essas visões em seu ambiente familiar, pois, muito provavelmente, foi nele que testemunharam práticas racistas que acabaram sedimentando em seus discursos o preconceito.

Nesse contexto, a escola, como agência de letramento por excelência, deve ser o *locus* do questionamento dessas práticas racistas, de modo que consigam ver o que de fato somos: iguais em nossa essência humana e, por isso mesmo, dignos de todo respeito e valorização.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- COUTO, M. **Mia Couto**: repensar o pensamento, redesenhando fronteiras. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/artigos/mia-couto-repensar-o-pensamento-redesenhando-fronteiras>. Acesso em: 10 maio 2024.
- GRIGOLETTO, M. Leituras sobre identidade: contingência, negatividade e invenção. *In*: MAGALHAES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (org.). **Práticas identitárias**: língua e discurso. São Carlos: Claraluz, 2006.
- LISBOA, F. M. Línguas, cosmologias e corpos racializados: convergências e governamentalidade no dispositivo colonial. *In*: MARINHO, F.; NEVES, I. dos S.; GREGOLIN, M. do R. (org.). **O governo da língua**: uma perspectiva discursiva sobre o lugar da língua nas relações de poder no Brasil. Guarapuava: Unicentro, 2023.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**: programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.
- OLIVEIRA, C. M.; PEREIRA, A. C. de A.; ALMEIDA, E. C. da S.; SOUZA, J. F. V. A quebra do padrão de beleza: a aceitação da mulher negra na sociedade. *In*: SANTOS, S. C. M.; SIZENANDO, D. K. P.; BESERRA, I de S.; SILVA, M. V. (org.). **SINAFRO - I Simpósio Internacional de Ensino e Culturas Afro-Brasileiras e Lusitanas**. Campo Grande: Realize Editora, 2018.
- SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música dança. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- SOUZA, J. C.; LOPES, L. H. B.; SOUZA, V. C. R. P. de. A dimensão do belo no tempo. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 87-94, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=609863967008>. Acesso em: 12 maio 2024.
- TWINE, F. W.; STEINBUGLER A. The gap between whites and whiteness: interracial intimacy and racial literacy. **Du Bois Review**, v. 3, n. 2, p. 341-363, 2006.
- WALSH, C. Estudios (inter)culturales en clave de-colonial. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 12, p. 209-227, ene./jun. 2010.
- Recebido em: 16 maio 2024.
Aceito em: 16 ago. 2024.